

humanitas



Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



A «SEMPRE-NOIVA»

CARTA DE ANDRÉ DE RESENDE À INFANTA D. MARIA

BREVE NOTA SOBRE ESTE POEMA

O pequeno poema dirigido por André de Resende à infanta D. Maria foi, pela primeira vez, impresso em Coimbra, juntamente com outras obras do mesmo autor.

A edição, que apresenta na portada os dizeres:

L. Andr. Resendii Oratio habita Conimbricae in Gymnasio Regio, anniuersario dedicationis eius die. Quarto Calendas Iulij, M.D.LI.

Conimbricae. Apud Ioannem Barrerium et Ioannem Aluarum, Mense Iulio M.D.LI.

compreende as seguintes obras:

- A) *Oratio*
- B) *D. Emmanuelis. P. F. inuicti Filiae. D. Ioannis. III. P. F. Inuicti Sorori Mariae, principi eruditissimae. [Este poema].*
- C) *Ad Christum opt. max. crucifixum.*

Pela segunda vez, foi impressa, em Colónia, em 1600. Vem juntamente com muitas outras de André de Resende, mas não todas:

L. Andreae Resendii Eborensis, Antiquitatum Lusitaniae et de Municipio Eborensi Lib. V. Orationes item, Epistolae Historicae et poemata omnia, quotquot reperiri potuerunt, in Hispanica diligenter ab amico Collecta, nunc primum summa diligentia edita.

Coloniae Agrippinae, in officina Birckmannica, sumptibus Arnoldi mylii. Anno salutis M. D. C. cum gratia et privil. sacrae Caesar. maiest.

Nesta edição, em dois volumes, está incluída a «Epistola»:

*Ad D. Emmanuelis. P. F. Inuicti
Filiam, D. Ioannis III Inuicti
Sororem, Mariam, principem eruditissimam.*

Teve ainda uma terceira edição simulada, também em Colónia, no ano de 1613, feita por Gerardo Grevenbruch.

Julgamos que este poema nunca foi traduzido, existindo apenas uma ligeiríssima síntese escrita por Francisco Leitão Ferreira (1).

São 133 versos hexâmetros. Se fizermos a escansão e possuímos alguma familiaridade com textos latinos na sua composição e interpretação, não poderemos deixar de nos extasiar perante o virtuosismo de André de Resende. Seria agradável aprofundar este ponto.

Passando à estrutura da frase, não se pode deixar de notar — talvez lamentar — o preciosismo complicativo de certas construções. Isto provoca alguma obscuridade e dificuldade, que a falta de manuscritos originais faz avultar.

Quais os tópicos da mensagem do poeta?

Por decisão sua ou devido à idade e porque certo ambiente da corte não lhe era favorável, André de Resende trocara a poesia por outros trabalhos. É uma alusão clara a um facto-chave da sua vida (2). Trata-se duma hostilidade que se acentua, sobretudo com a morte do infante D. Duarte, irmão de D. João III.

(1) *Notícias da Vida de André de Resende, pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira.* Publicadas, anotadas e aditadas por Anselmo Braamcamp Freire. Edição do Arquivo Histórico Português 1916.

(2) Vide a epístola de André de Resende *Petreio Sanctio L. Andreas Resendius, Eborae, nonis Maii. M.D.XLII:*

«Sed non obscurorum est, per quos, quibus undique nobis
Molibus oppositis, uia praecludatur ad aulam,
Quamque Palatini, ne cognoscamur aperte,
Vulturii satagant, religata hinc inde phalange»...

(*Poemata, Epistolae Historicae, Orationes*, p. 115).

O poeta apresenta-nos, seguidamente, duas visões: Apolo que o ameaça de morte, se não se resolver a voltar ao convívio das musas, abandonando o seu divórcio da poesia.

Depois, um cortejo presidido por uma divindade, semelhante a Palas, surge perante o seu olhar atónito. Quem será?

Perante a hesitação do poeta, Calíope revela-lhe tratar-se da infanta D. Maria, filha de D. Manuel e irmã de D. João III.

André de Resende, inspirado agora, cumula de louvores a Infanta, associando-lhe as figuras famosas de Joana Vaz e Luísa Sigeia.

Seja qual for a importância dos juízos valorativos pronunciados, não podemos negar o interesse factual desta poesia.

Quando, por exemplo, se diz que a Princesa não tem como objectivo principal de sua vida obter um reino, aflora-se, desde logo, o problema do autêntico dramatismo dos seus vários projectados casamentos.

André de Resende prossegue um fim utilitário nesta poesia. Faltando-lhe já o apoio dos infantes D. Afonso e D. Duarte, os seus grandes protectores, não sendo o cardinal D. Henrique tão íntimo como os irmãos, volta-se visivelmente para a infanta D. Maria, dedicando-lhe a oração pronunciada, em Coimbra, no Colégio das Artes, em 28 de Junho de 1551, e dirigindo-lhe o poema de que nos ocupamos.

A doutrina dogmática católica, as preocupações religiosas não estão presentes aqui, como geralmente acontece na sua poesia.

Não podemos, porém, esquecer que André de Resende também escreveu o *Erasmí Encomium*, por um lado, e, por outro, dois poemas *Ad Christum Opt. max. Crucifixum*.

Escusado será dizer que a mitologia greco-romana e a observação rigorosa, quase obsessão, do formalismo da estética clássica são características evidentes deste poema.

Certamente, entre todos os que em Portugal, no século XVI, poetaram em latim — os humanistas — André de Resende é, facilmente, o mais destacado na assimilação e execução da mensagem estética greco-romana, sobretudo da romana.

Embora preferíssemos que a sua temática fosse da vida nacional, popular, e a estrutura frásica mais natural, acima de tudo mais próxima da linguagem falada, para assim se tornar acessível, não afastando pela rigidez e frieza de mármore, temos que lhe render homenagem de admiração sincera pela perfeição, alto grau de competência técnica, demonstrando elevada capacidade e uma preparação inexcedível, num ambiente de cultura invejável.

A DATA DESTA EPÍSTOLA

Se nós soubéssemos quando André de Resende escreveu o seu poema em honra da Infanta, alguns factos da vida de Luísa Sigeia ficavam esclarecidos. Infelizmente quando mais era necessário que as poesias resendianas estivessem datadas, é então que o não estão...

Autores famosos como D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, P. Allut, José Silvestre Ribeiro, Luís de Matos, A. Bonilla y San Martin, admitem que a poesia foi escrita em 1551. Ora, como lá se diz que Luísa Sigeia ainda não completara os 21 anos, ela teria nascido em 1530. Admitindo esta data, podíamos continuar a aceitar que o casamento de seus pais é anterior a 1522, ano em que Diogo Sigeu já se encontrava em Portugal.

Teríamos de dizer que tinha ido muito menina para a corte, talvez com 10 a 12 anos, em 1540-1542, e escrevera a célebre carta pentaglotada ao papa em 1546, com 16 anos. Se era prodígio, porque não concordar, embora com dificuldade? Simplesmente, o facto de a presente carta vir publicada numa edição de 1551, com a oração pronunciada no Colégio das Artes, em Coimbra, em 28 de Junho de 1551, não prova, evidentemente, que tivesse sido escrita nesse ano, embora, neste caso particular, nada custasse admiti-lo.

Por outro lado, Guillaume de Postel afirma que Luísa Sigeia tinha 22 anos quando escreveu a carta ao Pontífice. Porque não aceitar esta afirmação? Infelizmente Guillaume de Postel lança no nosso espírito uma confusão enorme quando diz que essa epístola foi escrita em 1548. Ora nós sabemos que foi escrita, com certeza, em 1546.

Evidentemente, se em 1548 Luísa Sigeia tinha 22 anos, a epístola que André de Resende dirigiu à infanta D. Maria foi escrita em 1547 e a poetisa nasceu em 1526.

Como, porém, Guillaume de Postel se equivocou, escrevendo 1548 por 1546, Luísa Sigeia nasceu em 1524 e a carta tinha sido escrita em 1545. Achamos perfeitamente natural o lapso. Este arabista, encarregado pelo papa Paulo III de redigir a resposta, em siríaco e árabe, à carta célebre da jovem humanista lusitana, tinha, com certeza, informações seguras acerca da sua idade, dado que tal pormenor é que devia fazer dela, particularmente, um autêntico milagre, na corte pontifícia. Léon Bourdon, no *Bulletin des Études Portugaises*, Nouvelle Série,

Tome 31, 1970, «Recherches sur Luísa Sigeia», afirma que Luísa Sigeia, não podia ter nascido depois de 1522 e que a carta de que nos ocupamos teria de ser escrita, o mais tardar, em 1543.

Quais os argumentos?

1.º — Em 1522, Diogo Sigeu, pai da humanista, já se encontrava em Portugal, não deixando nunca de seguir D. Maria Pacheco, em cuja casa servira, em Espanha, até que ela se refugiou no nosso país, fugida à perseguição movida contra seu marido, que tomara parte na revolta contra Carlos V. Este fiel servidor só mandou vir a mulher e os filhos, residentes na região de Toledo, quando a sua situação financeira se tornou segura.

2.º — A carta foi escrita em 1543 porque os versos,

*«..... frater quam maximus orbis
Destinat imperio.....
Ipse etiam imperium nullo tibi fine propaget.»*

se referem ao projectado casamento da infanta D. Maria com Carlos V, já viúvo, em 1542, quando esse boato se espalhou na corte de Lisboa. Tal leitura seria confirmada por aquela passagem do poema *Casta Susana*, de Manuel Salinas y Lizana, publicado em 1651:

*«Abre los ojos, ea, abre los ojos...
Resplandecer veras la grand Maria...
del maximo Emanuel prole felice,
la Infanta augusta de quien ya predice
dichoso vaticinio que el imperio
de todo el emisferio
imperatriz la llama
y suena ya la trompa de la fama
que Carlos Quinto esposa la destina
a la Infanta Maria su sobrina.»*

Ao primeiro argumento respondemos que nenhum documento prova não ter Diogo Sigeu ido visitar sua família à Espanha, como é natural. Quanto ao segundo, sabemos que as chancelarias trataram

de alguns casamentos da infanta D. Maria mas nunca com Carlos V. Combinaram, sim, o seu casamento com o príncipe Filipe, filho de Carlos V, o qual enviudara em 1545. Tal era o entusiasmo, pelo menos na corte, por este enlace matrimonial, que Luísa Sigeia no seu poemeto *Sintra*, oferecido à Infanta, dizia, em 1546:

«Haec reget imperium felix, cum nupserit, orbis».

Sem dúvida, o império universal de que D. Maria seria a rainha, quando o seu noivo subisse ao trono, é o que lhe daria Filipe e não Carlos V.

A ele se refere André de Resende quando diz:

*«Frater quam maximus orbis
Destinat imperio...»*

É flagrante o paralelismo entre os dois versos. Assim, a bela epístola resendiana deve ter sido escrita em 1545 ou pouco depois. Mas há mais.

Quando aí se escreve:

*«At modo, quum nondum Rhodopen Haemumque niualem
barbaries omnis repetit, licet imperet illi
optimus exsilium frater tuus, undique lectis
qui lolium infelix satagant melioribus herbis
extirpare satis, ne Lusitana iuuentus
iam posthac peregre veteres suspiret Athenas.»*

e comparamos isto com as palavras da *Oratio habita Conimbricae, MDLI* — «Conquistos undique viros»... «quae omnem barbariem profligent atque exterminent» — sabemos perfeitamente, sem qualquer dúvida, que tanto os versos como as palavras citadas se referem claramente aos professores contratados no estrangeiro, para, no Colégio das Artes, virem destruir a barbárie dos ignorantes das humanidades. Ora, foi em 1545 e 1546 que D. João III mais insistiu para que os famosos mestres se mudassem da França para Portugal, oferecendo-lhes elevados ordenados e fartas honrarias.

Baseados nestas observações e na afirmação de Guillaume Postel, concluímos que Luísa Sigieia nasceu em 1524 e a epístola de André de Resende deve ter a data de 1545.

Evidentemente que não nos repugna adicionar às duas datas dois anos a cada uma.

O TEXTO E TRADUÇÃO

É este poema que nos propomos reeditar e traduzir, servindo-nos para isso de um exemplar raro existente nos reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, da 1.^a edição de 1551, atrás referida, e de um manuscrito-cópia que Joaquim Inácio Freitas fez, no Séc. XVIII, desta mesma edição, com o número 2583, assim como da edição de 1600. Designamos este manuscrito por A, a edição de 1600 por B e a de 1551 por E.

Apresentamos, baseados nestes dados, um texto que julgamos seguro. Actualizámos a grafia, conservando apenas as formas arcaicas ou as que eram exigidas pela métrica. Só excepcionalmente alterámos a pontuação. Exceptuando aspectos gráficos, pormenores de pontuação, uso de consoantes não assimiladas, os três textos são iguais. Em rodapé, apontamos apenas três leituras diferentes, de reduzida importância.

Mantivemos a maiúscula no início dos versos latinos e adoptámos certas formas verbais com a consoante do prefixo assimilada.

EPISTOLA

AD D. EMMANVELIS
 P. F. INVICTI FILIAM,
 D. IOANNIS III P. F. INVICTI
 Sororem, MARIAM, principem
 eruditissimam.

- Iam pridem studiis aliis addictior aeui
 Quantumquumque mihi, aut uitae superesset agendae
 Decreram sterileis procul amandare Camenas
 Iamque Helicon sordere mihi, iamque unda Medusae
 5 Coeperat, et sensim uilescere mystica laurus.
 Siue id iudicio, seu quod calor entheus ille
 Frixerat, in senium paulo uergentibus annis,
 Siue quod iratum Genium reperisset in aula
 Libera Calliope, numquam persuasa fauorem
 10 Aut emere obsequiis, aut ancillarier ulli
 Admiratori, tantum confisa probari
 Simplicitate sua, Phoeboque innixa fauenti,
 Limen ad Augustum gressus pietate ferebat.
 Dissidium hoc, tripodum rex indignatus Apollo,
 15 Se mihi conspicuum praebens, his uocibus infit.
 Scilicet idcirco lymphis Aganippidos undae
 Lauimus, et nostris, ingrate, sororibus, aluo
 Poene ipso ex matris, te mandaramus alendum
 Vt modo Parnassi calcato numine, doctis
 20 Illuisse sacris, inter iactere profanos.
 Ergo ego iam frustra pharetramque arcumque sonantem
 Arma gero? Frustra dextram mihi complet arundo?

À MUI ERUDITA PRINCESA MARIA
 FILHA DE D. MANUEL, PIEDOSO, FELIZ E INVICTO,
 E IRMÃ DE D. JOÃO III, PIEDOSO, FELIZ E INVICTO.

Há já longo tempo que, mais devotado a outras ocupações,
 eu resolvera pôr de parte as estéreis Camenas (3).
 em todo o tempo que da vida me restasse.
 Tinham já começado a cair em meu desgosto
 o Hélicon (4) e a Fonte de Medusa (5),
 e a perder, gradualmente, seu atractivo o místico loureiro.
 Por vontade própria ou porque o entusiasmo divino arrefecera,
 ao aproximar-se a velhice, com o volver dos anos,
 ou porque, na corte, tinham encontrado um génio adverso (6),
 a insubmissa Calíope (7), jamais disposta a comprar
 os favores com complacências,
 ou a curvar-se, servilmente, diante de qualquer admirador,
 apenas esperando ser estimada pela sua franqueza
 e apoiada na protecção de Febo (8).
 para a augusta morada seus passos piedosamente dirigia.
 Apolo, Senhor das trípodas, indignado com este dissídio,
 mostrando-se, visivelmente, dirige-me estas palavras:
 «Pois quê? Nas águas da Fonte de Aganipe (9) te banhámos,
 e ordenámos, ó ingrato, que fosses alimentado
 pelas nossas irmãs, quase desde o ventre materno,
 para que, agora, calcado aos pés o poder do Parnaso,
 te vangloriasses. entre os profanos, de ter troçado das musas sagradas?
 Por ventura já em vão trago as minhas armas,

(3) Nome latino dado às musas, sobretudo em Horácio, Virgílio e Ovídio.

(4) Montanha da Beócia, consagrada a Apolo e às musas.

(5) É a fonte de Hipocrene. Como se sabe, ela jorrou sob as patas de Pégaso, que era filho de Medusa e Neptuno.

(6) Sabe-se que André de Resende tinha inimigos na corte que sempre pugnam pelo seu afastamento. Na página 54 justificámos esta afirmação.

(7) A musa da poesia épica e, nos poetas, por vezes, de toda a outra poesia.

(8) Nome dado a Apolo, filho de Júpiter e de Latona, armado de arco e flechas, deus da poesia, que preside ao coro das musas.

(9) É uma fonte na Beócia, no monte Hélicon, consagrada às musas e que dá inspiração aos poetas.

- Haud ita me experti Python, Niobesque superbum
Ante genus, ualidis traiecti corda sagittis.
- 25 Nunc agite, o Musae, longum mihi carpite ramum.
Aut sertum, aut telum accipiat. Sic uoce minaci
Certum hinc exitium intentans, hinc Delphicaserta
Porrigit. Accepi. Morsa tum uirgine lauru,
Pierium mea mens diuinitus acta furorem
- 30 Concipit. Vrgentemque gerens in pectore Phoebum
Quid canerem dubius, uel qui mihi carminis ordo
Solueret ora, modo hac, illac modo, more ferebar
Phoebados arreptae, pressa quum uoce uagatur.
Ecce autem medias inter Pimpleiadas, ibat
- 35 Virgo alacris, lauru flauos redimita capillos.
Et nisi Itoniados nossem simulacra Mineruae,
Hastamque galeamque trucemque sub aegide uultum
Pallada, credideram, incessu dea maxima certe
Credi digna fuit. Geminae cui pone ministrae:
- 40 Haec graphium et tabulas gestabat, at illa libellos.
Huic chorus ille sacer magno submissus honore,
Arbitrium sancti permisit fontis. Auebam
Ecquae diua foret cognoscere. Namque dearum
Esse aliquam, dubitare nefas. Quum uellit utramque
- 45 Calliope auriculam, satis et tu rusticus, inquit,
Es uates, patriae ignarus, patriique decoris.

a aljava e o arco sonoro?
 Em vão, co'a minha dextra, empunho a flecha?
 Não assim ousaram desafiar-me Píton (10) e, antes dele,
 os soberbos filhos de Níobe (11), atravessados no coração
 com duras flechas.
 Eia, agora, musas, cortai-me um comprido ramo.
 Que ele receba uma coroa ou uma flecha».
 Assim, com voz ameaçadora, apontando-me,
 com uma mão, a morte certa, com a outra
 atira-me uma coroa délfica.
 Recebi-a.
 Depois de ter mastigado o louro virgem,
 o meu espírito divinamente fecundado
 concebe a fúria piérica. Sentindo no meu peito a premência de Febo,
 hesitante sobre o que havia de cantar
 e que espécie de canto quebraria o meu silêncio,
 andava eu de um lado para o outro,
 qual Pitonisa em delírio,
 quando vagueia com a voz opressa.
 Eis, porém, que uma jovem caminhava, alegre,
 entre as Pimpléiadas, com a sua loura cabeleira
 cingida de uma coroa de louros.
 E se eu não estivesse familiarizado
 com a figura de Minerva Itónia (12),
 a lança, o elmo e o aspecto guerreiro com o escudo,
 julgaria que era Palas.
 Realmente, pelo seu porte, era digna de passar pela maior das deusas.
 Seguiam atrás duas damas.
 Uma levava o estilete e as tabuinhas, a outra os códices.
 A ela, aquele coro sagrado, com grandes honras entregou,
 submisso, a posse da Fonte Santa (13).
 Eu ardia em desejos de saber que deusa era.
 É que não se podia duvidar de que fosse uma deusa.
 Depois de me puxar, levemente, uma e outra orelha, disse-me Calíope (14):
 «Vate, bem rústico és, da Pátria ignaro e de suas glórias.

(10) Apolo trespassou, com suas setas, um monstro cujo cadáver deixou a apodrecer, vindo-lhe daí, segundo os antigos, o nome de *Πυθώ* ou *Πυθών*.

(11) Era Níobe, filha de Tântalo e mulher de Anfíon, rei de Tebas, cujos sete filhos e filhas foram mortos por Apolo e Diana porque, devido à força da sua prole, triunfara sobre Latona.

(12) Palas foi chamada Itónia por causa da cidade de Íton, onde era venerada.

(13) Esta é a supramencionada fonte de Pimpleia, na Piéria, que as suas musas entregaram àquela que, na visão, André de Resende julgava uma deusa.

(14) Decalque sobre Virgílio, *Bucólicas* 6, 3-5.

- Tolle oculos, tolle, eia, oculos, agnosce tuorum
 Progeniem Regum, Mariam quam maximus ille
 Emmanuel genuit, frater quam maximus, orbis
 50 Destinat imperio, ac rerum ad fastigia summa
 Non sine diis aluit. Viden' ut regina feratur
 Inter Hyampaeas facie pulcherrima nymphas?
 Porro autem comitum, quae iam maturior aevi,
 Carminibus tibi nota tuis est Vasia, quuius
 55 Vt sileam mores, inculpatamque iuuentam
 Hactenus exactam, laus est ea magna, quod aulae
 Dux bona uirginibus Latias praeluxit ad arteis.
 Altera Sigaea est, uirgo admirabilis, unam
 Quam natura potens ideo produxit, ut esset
 60 Foemina, quae maribus uitam opprobrire supinam
 Posset, et ignauos magno affecisse rubore.
 Nam quum septenae uix dum trieteridis annos
 Computet, indefessa dies, noctesque, Latinas
 Voluere non cessat chartas, non cessat Achaeas,
 65 Moseaque, et Solymos rimatur sedula uates.
 Quin per Achemenios scopulos, Arabumque salebras
 Currit inoffense, linguarum quinque perita,
 Quum nihil interea qui se profiterier audent
 Esse sophos, pudeat saltem nescire Latine.
 70 Haec cognosse satis: sed erunt tibi caetera curae.
 Dixit, et ex oculis simul abscessere per auras.
 Nunc tecum, o princeps, sermo est mihi maxima, gentis
 Lusiadum, et sexus decus immortale secundi.

Levanta os olhos, eia, ergue os olhos,
reconhece a descendente dos teus reis, Maria,
aquela que o mui poderoso D. Manuel gerou
e o seu magnânimo irmão destina para um Império Universal (15),
tendo-a criado, com a protecção dos deuses,
para a mais alta dignidade.
Não vês como caminha, rainha de rosto formosíssimo,
entre as ninfas Hiampeias?
Porém, das suas damas, a que é mais velha,
Joana Vaz (16), já foi celebrada em teus versos.
Para não falar dos seus costumes
e da sua juventude, até agora vivida sem mácula,
grande é o louvor de ter brilhado na corte,
como mestra insigne das donzelas, na gramática latina.
A outra é Sigeia (17), donzela admirável,
a quem a natureza poderosa de tal forma fez nascer,
que era mulher para poder exprobar aos homens
a sua vida indolente
e fazer corar profundamente os ociosos.
Na verdade, não cessa, dia e noite, de folhear
as obras latinas, aqueias e moisaicas,
e, diligente, estuda a fundo os poetas de Jerusalém (18).
Além disto, avança, sem receio,
pelos escolhos aqueménios e asperezas árabes,
versada em cinco línguas, enquanto que
aqueles que se atrevem a declarar-se sábios,
não se envergonham, sequer, de ignorar o latim (19).
Basta que saibas isto.
Quanto ao resto, porém, ficará ao teu encargo».
Assim disse. E de meus olhos se afastaram,
simultaneamente, através dos ares.
Agora, a ti se dirige a minha fala, excelsa princesa,
imortal ornamento da lusíada (20) gente e do segundo sexo.

(15) Quando procurámos, atrás, datar este poema, referimi-nos à importância desta afirmação.

(16) Sobre a presença desta figura, *vide supra*, p. 55.

(17) Sobre as implicações cronológicas desta referência, *vide supra*, pp. 56-59.

(18) Referência à poesia hebraica dos Salmos.

(19) Aqui se mostra o grande apreço em que os humanistas tinham o latim.

(20) A palavra «lusíada» encontra-se, pela primeira vez, no *Erasmii Encomium* de André de Resende, publicado em Basileia, em 1531. Veja-se o tomo II da edição de Colónia, 1600, p. 35 sqq. (B.N.L., Res. 314. P). Aparece depois em *Vicentius Leuita et Martyr*, Olisipone, 1545, versos 34-50 (B.N.L. — Res. 156-157v). Para estudar a questão da primazia do emprego deste vocábulo podem ler-se os

- Debebam, fateor, tibi carmina, nec mihi quidquam
 75 Plus erat in uotis, quam tanto foenore solui.
 Sed uelut ad Ianum medium qui impingit, et unas
 Atque alias, aliasque sinit transire calendas,
 Auget in immensum foeturam sortis iniquam,
 Donec eo tandem res, non frugaliter uso,
 80 Deuenit, ut misero, si creditor urget, opus sit
 Turpiter addici, ducique, bonisue paternis
 Cedere, si praetor uel nobilitate mouetur,
 Vel caput integrum cui seruare laborat,
 Quod satis esse putet fortunis omnibus illum
 85 Exutum, tantumque sui modo iuris abire:
 Sic mihi dum tempus nunc hoc, nunc illud, et illud
 Captabam, accreuit quod debeo semper in horas,
 Vt iam soluendo, nisi nexum addixeris, imo
 Addictus, nexus, capite omninoque minutus,
 90 Nec sim, nec sperem posthac fore. Quantula nanque
 Vis animi nostri est, ut suffectura sit amplum
 Ire per oceanum laudum, regina, tuarum?
 Quae quotquot famam meruere puellas
 Aut superas, aut, si dicendum pressius, aequas.
 95 Scilicet assurgit, priscos mirata, uetustas
 Zenobiae, et quantos celebris matrona meretur
 Palmyra dant titulos, grata pietate superbos,
 Scilicet Eudociam memori sacrauimus aeuo.
 Quae licet insignes et regno et laude ferantur,
 100 Non tamen exiguam partem sibi uindicat aetas
 Illa prior, mirum quum non erat esse dissertas,
 Cornifici quum docta soror, quum Hortensia uultu

77 Sint E

94 Pressis E

Eu era-te devedor, confesso, dos meus versos
e não desejava mais do que libertar-me
de tão grande dívida!
Mas, assim como aquele que pediu emprestado na arcada central
e deixa passar Calendas após Calendas
faz crescer imensamente o produto infúquo da dívida,
até que a situação, por fim, pois que ele gastou à larga,
ficou tal que, se o credor apertar,
é forçoso o desgraçado ser vergonhosamente reduzido
à servidão e preso ou socorrer-se dos bens paternos,
se o pretor for impressionado pela ascendência nobre
ou se este se esforçar por conservar intacta a cabeça do cidadão,
por julgar ser suficiente que ele vá embora
privado de toda a sua fortuna e apenas senhor de si,
assim se me acrescentou a minha dívida, sempre, cada vez mais,
enquanto eu procurava ora uma ocasião,
ora outra e outra,
de sorte que, a não ser que me reduzas à escravidão
e mesmo escravo, com cadeias, e perdoado todo o capital,
não estou em condições de pagar a dívida agora, nem espero,
no futuro, vir a poder fazê-lo.
Quão pequena é, com efeito, a força do meu espírito
para ser capaz de rumar, ó princesa,
através do largo oceano dos teus louvores!
Quantas jovens, que mereceram a fama pelo seu talento,
excedes ou, para falar com mais rigor, iguais?
É certo que se ergue a beleza de Zenóbia
que maravilhou os antigos e a quem dão, com grata dedicação,
quantos soberbos títulos merece a célebre matrona de Palmira (21).
É certo que imortalizámos Eudócia (22)
com uma recordação eterna.
Embora estas sejam proclamadas ilustres
pelo seu poder e glória,
contudo não é pequena a parte que cabe a essa idade antiga
quando não era extraordinário haver mulheres cultas,
pois que a doura irmã de Cornifício, e Hortênsia,
enfrentavam com rosto impávido

artigos seguintes: Carolina Michaëlis de Vasconcelos, «Lucius Andreas Resendius, Inventor da palavra 'lusíadas'», *O Instituto* LII (1905), pp. 241-250; José Maria Rodrigues, «Luís de Camões — A Epopeia», *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. II, p. 353 sqq.

(21) Rainha de Palmira, uma cidade da Síria, cujas ruínas ainda existem. Era esposa de Odénato.

(22) Rainha do Oriente e mulher de Teodósio II.

- Intrepido, horrendum adspiceret dictura senatum.
 At modo, quum nondum Rhodopen Haemumquem niualem
- 105 Barbaries omnis repetit, licet imperet illi
 Optimus exsilium frater tuus, undique lectis
 Qui lolium infelix satagant melioribus herbis
 Extirpare satis, ne Lusitana iuuentus
 Iam posthac peregre ueteres suspiret Athenas.
- 110 Et quamquam haec ita sint, quum uix tamen unus et alter
 Cernitur eloquio sexum decorare uirilem
 Foemina quum coruo contingit rarius albo
 Artibus ingenuis pollens, linguaeque nitore,
 Te tua nobilitat uirtus, animosa uirago,
- 115 Quod doctrinarum raperis dulcedine mira
 Atque animi dotes opibus, sceptrisque priores
 Iudicio ducis, rectoque examine librae.
 Denique, posthabito formae excellentis honore,
 Deside mollitia, ac penitus languore sepulto,
- 120 Excolis ingenium, studiis operata Mineruae.
 Nec tibi tam regni spes adblanditur habendi
 Quam trahit attonitam facundia docta Platonis,
 Quam cumulare iuuat libros. Tibi pulchra supellex
 Haec placet, haec animum curis oblectat omissis
- 125 Quae stimulare solent, mentesque agitare pusillas.
 Salue, o egregium uirgo decus innuptarum!
 Dii quaequumque uoles tibi dent: tua uota secundet
 Qui facileis praebet uotis sapientibus aureis,
 Quem merito dixere Iouem, lucisque parentem,
- 130 Quem Philium reges, donis potioribus aucti,
 Et colere, et cultu debent potiore uerer .
 Ipse tibi ingenium mite inspirauit ab ortu,
 Ipse etiam imperium nullo tibi fine propaget.

Ὁ Ῥεσένδιος ἐποίησεν.

O Senado respeitável ao qual iam falar.
 Mas agora, quando a barbárie
 ainda não se retirou toda para Ródope (23) e para o nível Hemo (24),
 embora o teu nobilíssimo irmão a condene ao exílio,
 escolhendo, em toda a parte, aqueles que se hão-de empenhar em arrancar,
 pela raiz, o joio estéril, do meio da seara,
 para que a juventude lusitana, de hoje em diante,
 não suspire mais pela velha Atenas, no estrangeiro;
 quando, mesmo assim,
 apenas se vê um ou outro que, com a sua eloquência,
 honre o sexo viril;
 quando aparece mais raramente do que o corvo branco
 uma mulher que se distinga nas artes liberais
 e no brilho da linguagem,
 a tua superioridade te nobilita, ó corajosa virago,
 pois só te preocupas com o encanto maravilhoso
 da sabedoria, e, pelo teu julgamento e justo exame da balança (25),
 consideras os dotes do espírito superiores
 às riquezas e aos tronos.
 Finalmente, desprezado o brilho da superior beleza
 banida toda a moleza ociosa e sepultada a indolência,
 cultivas o espírito, ocupada nas lides de Minerva.
 A ti, não te seduz tanto a esperança de possuir um reino
 como te atraí, enchendo-te de espanto,
 a sábia eloquência de Platão,
 ou como te agrada acumular livros.
 É este o belo recheio que te apraz,
 é isto o que te deleita o espírito, livre das preocupações
 que costumam estimular e agitar os espíritos vulgares.
 Eu te saúdo, ó jovem, insigne ornamento das donzelas!
 Que os deuses te concedam tudo o que desejas!
 Favoreça teus votos aquele que ouve, complacente,
 as preces sensatas e a quem, com justiça, chamaram
 Júpiter e pai da luz, ao qual os reis, cumulados
 de dons magníficos, devem não só adorar como Amigo,
 mas venerar com um culto mais profundo.
 Foi ele mesmo que te insuflou uma alma terna, desde o berço.
 Que ele mesmo te prolongue, também, um império (26) sem fim!

Resende o compôs

GABRIEL DE PAIVA DOMINGUES

(23) Cordilheira de montanhas na Trácia que faz parte do Hemo.

(24) Cordilheira de montanhas, na Trácia. A esta região se ligava um sentido pejorativo. Era um lugar onde ninguém gostaria de viver.

(25) Refere-se à conhecida «Balança», símbolo da Justiça.

(26) Esta frase foi comentada supra, pp. 57-58.